

# A MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE PRESENTE NO ROMANCE PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

## THE MEMORY AND ANCESTRY PRESENT IN THE NOVEL PONCIÁ VICÊNCIO DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Flávio Prates Cruz **1**  
João Santos de Jesus Neto **2**

**Resumo:** O presente artigo pretende traçar um estudo sobre o resgate da memória e ancestralidade presente no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, durante a vida da personagem no desenrolar da trama, levando em consideração as marcas da ancestralidade que se manifestam em Ponciá, desde a infância até a sua vida adulta. O objetivo é identificar como se dá o resgate da memória ancestral de Ponciá Vicêncio no decorrer do romance de Conceição Evaristo. Temos como base teórica para as questões de memória Le Goff (1990), que nos ajuda a entender como é construída a memória pessoal e social ao longo dos anos; Oliveira (2006), que trata da cosmovisão africana no Brasil, onde o mesmo discute sobre uma filosofia afrodescendente brasileira; além de Duarte; Fonseca (2011) e do nosso objeto de estudo Evaristo (2003). Para isso, foi realizada uma análise documental e bibliográfica em uma breve síntese da obra buscando entender os conceitos de memória, ancestralidade, o que motivou Ponciá a partir para a capital, além de buscar compreender como se deu o resgate da memória ancestral presente no romance de Conceição Evaristo.

**Palavras-chave:** Ponciá Vicêncio. Diáspora. Memória. Ancestralidade.

**Abstract:** This article intends to draw up a study on the rescue of memory and ancestry present in the novel Ponciá Vicêncio by Conceição Evaristo, during the character's life in the unfolding of the plot, taking into account the marks of ancestry that manifest themselves in Ponciá, since childhood up to adulthood. The objective is to identify how the ancestral memory of Ponciá Vicêncio is rescued during the novel by Conceição Evaristo. We have as a theoretical basis for the issues of memory Le Goff (1990), which helps us understand how personal and social memory is built over the years; Oliveira (2006), who deals with african worldview in Brazil, where he discusses a Brazilian Afrodescendant philosophy; besides Duarte; Fonseca (2003). For this, a documentary and bibliographic analysis was performed in a brief synthesis of the work seeking to understand the concepts of memory, ancestry, which motivated Ponciá to leave for the capital, in addition to seeking to understand how the ancestral memory present in Conceição Evaristo's novel occurred.

**Keywords:** Ponciá Vicêncio. Diaspora. Memory. Ancestry.

---

Graduando do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas com **1**  
Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade do Estado  
da Bahia – UNEB Câmpus XVIII, Eunápolis-BA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9294468048618340>. E-mail: [flavio94.cruz@gmail.com](mailto:flavio94.cruz@gmail.com)

Graduando do curso de Licenciatura em Letras Vernáculas com **2**  
Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da  
Bahia - UNEB (2018). E-mail: [bluesddr@hotmail.com](mailto:bluesddr@hotmail.com)

## Introdução

Atualmente a memória e a ancestralidade vêm sendo objeto de muitos estudos acerca da memória do povo negro, principalmente nas últimas décadas em que os debates sobre o racismo e diversos outros tipos de preconceitos contra a comunidade negra vem se tornando cada vez mais frequentes, mesmo com grandes discussões acerca do racismo. São abordadas diversas questões, desde a cor da pele e religião do povo negro, preconceito explícito, é o que podemos perceber no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo no qual a autora traz um relato da vida da personagem Ponciá Vicêncio que ao longo da sua vida fora vítima do preconceito explícito da época e a mesma busca suprimir de si os estigmas depositados no negro escravizado e as marcas negativas que foram impregnadas nas comunidades negras numa pós-escravidão.

Sabendo que o romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo traz fortes marcas da memória e ancestralidade dos povos negros, que se perpetua no desenvolver da história, pretendemos aqui, buscar entender como se deu a atualização da memória ancestral presente no romance *Ponciá Vicêncio*. Para tanto, se faz necessário seguir três pontos específicos: fazer uma breve síntese da obra, entender os conceitos de memória, ancestralidade e compreender como se deu essa atualização da memória ancestral no romance de Conceição Evaristo e, para isso, fora realizada uma pesquisa bibliográfica e documental identificando os pontos que revelam e/ou retratam essa atualização da memória e ancestralidade da personagem no desenvolvimento do romance.

A prática do culto ancestral é bastante comum no mundo africano mesmo nos cultos contemporâneos, a tradição em manter valores culturais e adoração a divindades, entrar em conexão com o sobrenatural, no entanto, a visão que muitos têm sobre as práticas, crenças e culturas africanas acabam martirizando o a cultura africana com preconceitos e apatias sociais de uma cultura ocidental limitada. Este estudo se justifica por discutir a construção da memória e ancestralidade do povo negro através da cosmovisão africana no Brasil.

Para dar sustentabilidade às discussões a seguir, fora utilizado os teóricos Eduardo de Oliveira (2006), que traz uma conceituação sobre ancestralidade, Jaques Le Goff (2003), que discorre sobre a memória e suas variações, além da autora e também teórica Conceição Evaristo (2003), autora do objeto de estudo o romance *Ponciá Vicêncio*.

## Memória e Ancestralidade

A definição do léxico ancestralidade, segundo o dicionário Aurélio *Particularidade ou estado do que é ancestral* (que se refere aos antepassados ou antecessores), *o que se recebeu das gerações anteriores; hereditariedade*. O culto aos ancestrais é um dos elementos mais constantes na cultura africana. Pode-se mesmo dizer que é um fenômeno universal em praticamente toda a África Negra. Conforme Marco Aurélio LUZ (1995, p. 93).

A memória é imprescindível para que se mantenha vivo os costumes, a identidade e a história das comunidades agrafas. Isso acontece em *Ponciá Vicêncio*, pois a menina desde criança já possuía um nível de aprendizado avançado, sabia o básico de leitura e escrita, mas seu irmão e familiares não tinham a oportunidade de frequentar a escola ou de ter uma lição, logo as memórias dessa comunidade era passada de geração para geração pela oralidade, percebemos isso nas lembranças do Vô Vicêncio trazidas pela mãe de Ponciá e, mais fortemente quando o pai da menina reconhece o próprio pai no boneco de barro moldado pela personagem, logo ele que nunca estava em casa e que não tinha uma relação próxima da menina e nem acompanhava os seu dia-a-dia.

O pai de Ponciá Vicêncio olhou o homem de barro que a menina havia feito e reconheceu nele o seu próprio pai. Pegou o trabalho e examinou bem. Os olhos, a boca, as costas encurvadinhas, a magreza, o bracinho cotoco, tudo era igualzinho. A boca ensaiava sorrisos, mas no rosto, a expressão era de dor. Teve a sensação de que o homem de barro fosse rir ou chorar como era feito do seu pai. (EVARISTO, 2003, p. 22).

Quando o vô Vicêncio morreu Ponciá ainda era muito pequena, mas ainda assim ela tinha atitudes e comportamentos idênticos aos do avô, ela havia herdado a sua memória ancestral, como o braço para trás remetendo ao braço cotó do avô, agora cabia à personagem buscar manter viva essa memória da ancestralidade marcada pelo desespero do vô Vicêncio. Fora identificado que a personagem carrega consigo a missão de reconstruir a memória do seu povo e para isso ela precisa passar por diversos conflitos com ela mesma.

Memórias semelhantes a esta se perpetuam durante todo o romance. CHANGEUX, (1972), p, 356 *apud* Le Goff (1990) diz que “O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação, mas também releituras desses vestígios [...]” É o que ocorre com Ponciá depois que parte para a capital em busca de uma vida melhor, ela passa a ter um processo de atualização indenitária através das lembranças da sua família e também de fortes características dos seus antepassados que começavam a ganhar força com a manifestação das marcas da ancestralidade que ela carregava consigo.

Na cultura africana o culto aos ancestrais é um hábito muito forte que é mantido há muitas gerações, acredita-se (segundo o romance) que os ancestrais trazem a instrução/conhecimento para auxiliar os seus descendentes na continuidade da vida e história de uma comunidade.

A preservação da memória dos antepassados não é causa de estagnação para os africanos; ao contrário, são essas as causas para o dinamismo característico de sua cultura, uma vez que a atualização deve estar sempre assentada na sabedoria dos ancestrais. (OLIVEIRA, 2005, p.24).

Partindo disso, pode se perceber que a cultura da comunidade na qual *Ponciá* vivia era uma cultura de oralidade, na qual o conhecimento e experiências de vida eram passadas de pai para filho através de histórias e relatos de experiências se utilizando da cultura oral pouco valorizada nos dias atuais, mas que é de vital importância para a história e literatura.

## Ponciá Vicêncio

O romance trata integralmente de questões sociais do povo negro após a aprovação da Lei Áurea no Brasil. Nesse romance, a trajetória da personagem na atualização da sua identidade utiliza-se das marcas de ancestralidade africana herdada do seu avô Vicêncio e também questões sociais, como violência doméstica. Eduardo de Oliveira diz:

[...] a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. (OLIVEIRA, 2005, p. 03).

Os ancestrais são símbolos de força e sabedoria, são como conselheiros. O culto dos ancestrais está muito ligado ao culto aos elementos da natureza, pois se acredita que os ancestrais estão em todo lugar e os elementos da natureza nos ajudam a nos conectarmos com eles.

O romance *Ponciá Vicêncio* retrata a história de vida de uma moça negra que fora trazida da África com a sua família, que foi escravizada por anos durante o regime escravocrata no Brasil. Depois de muito tempo, as próximas gerações da sua família passaram a viver “livre” na zona rural em uma fazenda na qual o dono doou antes de falecer para que se fundasse ali um quilombo, um lugar onde os escravos livres pudessem morar e criar seus filhos livremente.

*Ponciá* se assemelhava muito com o avô que morrera durante um dos períodos em que o seu pai trabalhava fora. A personagem adquirira os mesmos modos, meio corcunda, mão atrás das costas como se fosse cotó de um dos braços, quando criança brincando com o barro enquanto sua mãe confeccionava as peças para o seu pai vender, a personagem modelava na argila um boneco exatamente igual ao seu avô, aquilo deixava a mãe da personagem com medo, já sentia medo e estranheza, pois a menina desde pequenina já havia adquirido os modos do avô que morreu quando ela ainda era criança de colo, como ela poderia ser tão parecida com ele daquela maneira?

A personagem vive um ciclo de busca e reconstrução identitária fortemente marcada pela ancestralidade herdada do seu avô Vicêncio e de todos os seus antepassados. Durante toda a sua vida em idas e voltas a procura de si mesma, construindo, descobrindo, (re)conhecendo sua identidade no meio em que vivia, o universo sempre a puxava para as suas raízes, as memórias da personagem e dos seus ancestrais tinham uma força muito grande sobre o destino da tão sofrida moça que acabou por viver um grande ciclo que se fez necessário para que ela se encontrasse em si mesma e atualizasse sua identidade ancestral, a herança do seu avô Vicêncio trazida das suas raízes africanas, como por exemplo, a cantiga entoada pelos homens quando estavam voltando da caça, da pesca ou do trabalho, a qual o seu irmão entoou quando estava regressando para sua casa no interior na esperança de ver a sua mãe aparecer a soleira da porta para recebe-lo como era de costume durante todo regresso que fazia com seu pai quando ainda estava vivo.

Todo o sofrimento da personagem representa o sofrimento e dificuldade do povo negro para se estabelecer e se manter numa sociedade recém pós-escravocrata em que o negro carrega um estigma absurdo da escravidão, a inferioridade social depositado no ser negro dificulta muito o crescimento desses povos numa sociedade racista e preconceituosa na qual se impõe que o padrão estético e de “boa pessoa” é o branco, loiro e de olhos claros. O romance nos traz uma reflexão sobre o resgate da diáspora africana da família da personagem após um período de grande sofrimento e exclusão social pela qual o seu povo passou.

Durante a análise da obra ficou perceptível que a mesma não possui uma sequência de capítulos, mas a história vai sendo contada de modo que *Ponciá* sempre volte a fatos passados lembrado em sua memória, como a travessia do rio, lembrar-se de quando era criança e brincar no milharal, lembrar-se do braço virado para trás em alusão ao braço cotó do avô, a ida a cidade e o retorno a fazenda.

Na ideia de ancestralidade africana, o fato de sempre se pensar no passado e o presente não apenas como um fato marcante na cultura africana, mas como parte indispensável da construção da nossa história e memória afro-brasileira. Segundo Eduardo Oliveira em sua obra *cosmovisão africana no Brasil* diz: O tempo dos ancestrais é o tempo passado e o tempo do agora. (OLIVEIRA, 2005, p.16).

Após um longo período de angústias que a personagem passou ela acabou por reencontrar o seu irmão Luandi, já sendo um soldado, na estação da capital e percebeu que o seu propósito era manter viva a memória do seu povo que herdara do vô Vicêncio. A personagem entra em um processo de reflexão onde ela começa a entender o porquê de todos aqueles acontecimentos, o boneco de barro, a sua partida para a capital, as angústias e choros na janelinha, os flash's de recordações dos momentos em família etc. Agora a personagem percebeu que ela era o “elo e herança memória reencontrada pelos seus” (EVARISTO, 2003, p. 65).

### Algumas considerações

A memória e a ancestralidade do povo negro se perpetuará sempre enquanto existirem pessoas negras no mundo, e permanece ainda mais viva na atualidade. O romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo trouxe em si uma discussão acerca dessa memória que permaneceu viva na personagem durante décadas, mesmo sem entender como muitas características dessa memória que se se fazia presente nos seus atos e hábitos diários. Com o tempo a personagem percebeu que os seus hábitos que eram iguais aos do seu avô, isso faz parte do processo de atualização da memória e ancestralidade do seu povo que foi passada do seu avô

para ela e a cada dia que se passava ela se via mais envolvida e decidida a retornar as suas raízes, retornar ao barro.

A subjetividade traga por *Ponciá*, impedia muitas pessoas ao seu redor de entender o que de fato acontecia com *Ponciá* quando ela ficava no canto olhando o nada, ora choramingando ora sem animo para as atividades domésticas. Podemos concluir aqui que a personagem passou por várias diásporas no decorrer da sua vida em busca de reestruturar/ reencontrar a memória e ancestralidade do povo negro. Os ancestrais são símbolos de força e sabedoria, são como conselheiros.

A obra *Ponciá Vicêncio* é carregada de subjetividades que perpassam desde a primeira diáspora que a personagem sofreu quando chegou ao Brasil, pelo período em que ela inicia uma busca de si mesma, questionando sobre a sonoridade do próprio nome, buscando se reconhecer, se encontrar em si mesma até quando ela retorna para barro, ou seja, regressa para o sítio onde sua família viveu. Percebe-se aqui que a personagem passou por muitas diásporas para se reencontrar e, podemos dizer atualizar a memória e ancestralidade do seu povo no período em que vivia.

## Referências

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

DUARTE, Eduardo de Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: editora UFMG, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: editora gráfica popular, 2006.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia da ancestralidade**. Scielo, 2016. Disponível em: <https://www.passei-direto.com/arquivo/20311080/eduardo-oliveira---epistemologia-da-ancestralidade/1>. Acesso em 17/02/2020.

Recebido em 19 de julho de 2019.  
Aceito em 20 de fevereiro de 2020.